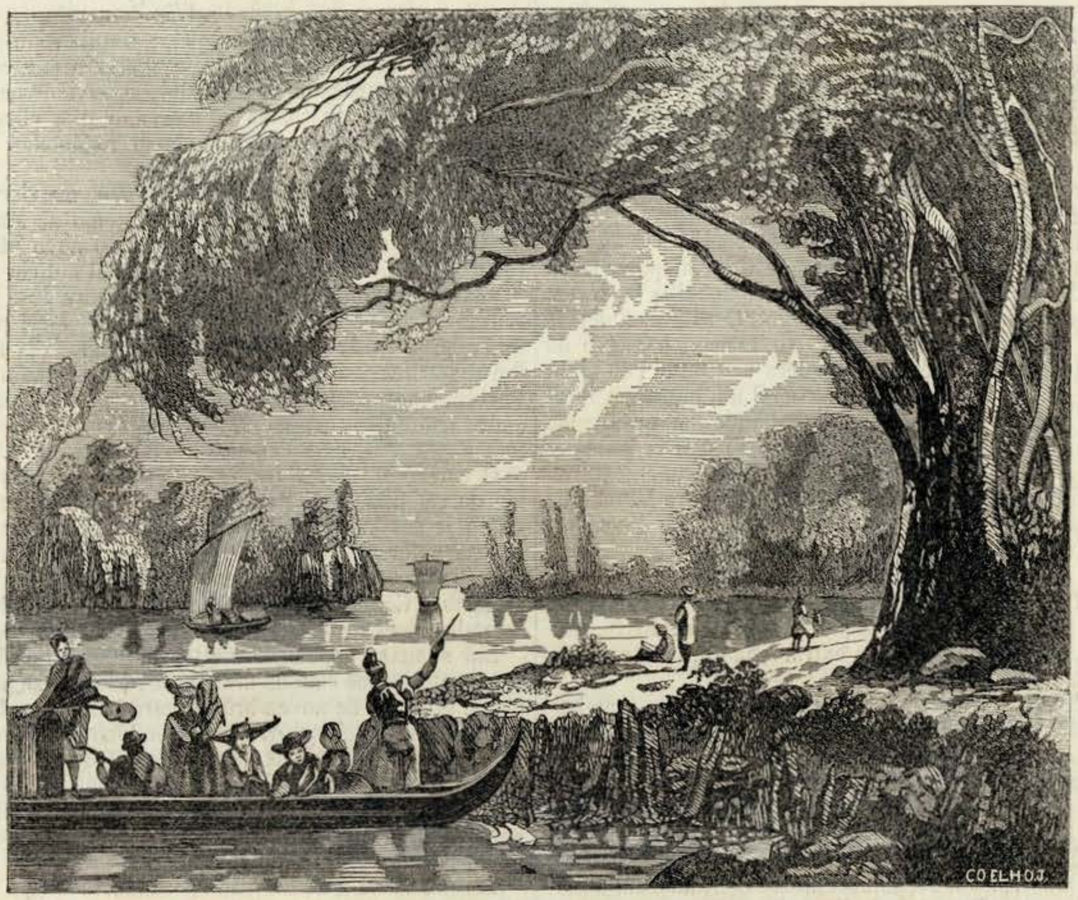
COIMBRA



Uma paizagem do Mondego [1] — Desenho de Christino

«É o Mondego (a quem os latinos chamaram Monda) um dos vinte e quatro rios mais celebres de Portugal, e um dos onze navegaveis. Tendo corrido em seu coche de cristal sete legoas, desde a serra da Estrella até Buarcos, que é um dos vinte e um portos de mar que ha no reino, entra n'elle mui ufano por haver conservado o nome até chegar a seu centro; dita e felicidade que não logram alguns rios bem celebrados, porque o perdem no caminho.» Correndo entre verdes bosques, deleitosas quintas, hortas e pomares, de que suas praias estão cobertas, vem dando agua a muitos prados que de longe parecem lindas alcatifas, no que é mais franco e liberal do que o Tejo em Toledo, porque o Mondego dá suas aguas de graça, e este a troco de dois mil cruzados de fabrica, além dos muitos que fez gastar ao monarcha das Hespanhas, por meio do insigne Joannello, auctor de tão artificiosa architectura.»

Quasi por estes termos se exprime A. de Carvalho na sua «Chorographia Portugueza»; e ainda mais emphaticos são os de João de Barros na *Decada* II, dizendo:

«Convertâmos os olhos ao nosso Tejo, e mais notavel ao Mondego, que sendo um rio cujo curso terá pouco mais de vinte legoas, de Coimbra á serra da Estrella, onde nasce, não se mettendo n'elle senão uma plebe de riachos de pouca agua, que juntos á sua é tão pouca no verão que se passa a vau, em muitas partes póde tanto com suas pequenas enxurradas, que á vista de nossos olhos, em cincoenta annos, tem coberto muitos edificios e uma ponte debaixo da outra, e enterrado grandes e magnificos templos quasi até ao meio.»

Não se esqueceram tambem muitos dos nossos geographos e historiadores, taes como Duarte Nunes de Leão, Fr. Bernardo de Brito, Antonio de Sousa de Macedo, de enriquecer o Mondego, encarecendo a pureza do ouro das suas areias.

Dos poetas não fallemos, que esses tem-no celebrado como se fôra superior á Castalia, e lhe chamam rio das musas, o que bem harmonisa com o de lusa Athenas que dão a Coimbra, banhada, e ás vezes alagada, com as aguas do Mondego.

Não são porém tão conhecidas pelas artes do desenho as bellezas naturaes das suas risonhas margens.

Ultimamente foi alli fazer uma digressão artistica o novo professor de paizagem da academia de bellas-artes de Lisboa, o sr. Christino, e já tem passado para a tela algumas vistas d'aquellas margens. A photographia tambem nos ha de divulgar as bellezas d'aquelle frondoso paiz.

A vista que hoje damos é das mais pittorescas, tirada do natural pelo sr. Christino, que com outras que d'elle esperâmos, formaremos uma mimosa collecção de paizagens do Mondego.

[1] Vid. sobre Coimbra o artigo a pag. 385 do I vol; e a Fonte dos Amores a pag. 289 do III.

EMBAIXADA DE PORTUGAL Á CHINA EM 1725

Os acontecimentos de Pekim despertaram a curiosidade geral a respeito da China. Os jornaes estrangeiros, escrevendo ácerca das relações dos paizes europeus com aquelle imperio em diversas epochas, nem uma só palavra disseram de Portugal: se por ignorancia, ou de proposito, não curâmos d'isso: entendemos unicamente que não devemos ser complices de uma, nem de outro, deixando esquecer no pó das livrarias as memorias que haja sobre tal objecto. Assentámos pois em dar noticia da embaixada que el-rei D. João V enviou ao imperador Yun-chin em 1725.

Em um dos annos anteriores mandára Kan-hi a Portugal um rico presente, de que foi portador o padre Antonio de Magalhães da companhia de Jesus, missionario na corte de Pekim. Constando, depois do padre Magalhães estar em Lisboa, a morte do imperador, e que lhe succedêra seu filho Yun-chin, a este remetteu o rei de Portugal um mimo em agradecimento do que recebêra, dando-lhe ao mesmo tempo os parabens pela sua exaltação, e os pezames pelo fallecimento de seu pae. Para esta missão foi nomeado embaixador o doutor Alexandre Metello de Sousa e Menezes, e secretario o padre Francisco Xavier da Rua, protonotario apostolico, e advogado do numero da casa da supplicação.

Da relação, hoje rara [1], d'aquella embaixada, que se vê ter sido escripta por pessoa da comitiva, formámos esta noticia, ora extractando-a, ora transcrevendo-a.

No dia 12 de abril de 1725 embarcaram o embaixador e o secretario com o padre Antonio de Magalhães, e outras pessoas do sequito, na fragata Nossa Senhora da Oliveira, commandada pelo capitão de mar e guerra Duarte Pereira, e a 17 saíram a barra de Lisboa. Seguiram viagem até ao Rio de Janeiro, onde o embaixador se demorou dois dias, tornando a embarcar em 15 de novembro. Continuaram a derrota para Batavia, e alli esperaram a monção; a 29 de abril de 1726 se fizeram de vela para Macau, a cuja vista chegaram em 10 de junho.

Foi o secretario da embaixada a terra entregar carta del-rei ao governador e outra ao senado, que foram recebidas com salvas de artilheria e repiques de sinos; e logo o governador mandou seu filho Agostinho Carneiro de Alcaçova, ajudante real, comprimentar o embaixador e offerecer-lhe a sua casa, em quanto se preparava pousada conveniente. N'essa occasião foi tambem a bordo o padre João Laureate, da companhia de Jesus; e no dia seguinte o conego João do Casal em nome do bispo, que estava doente.

Effeituou-se o desembarque no dia 13. «Em primeiro logar ia o embaixador em seu escaler bem preparado, que o governador lhe poz prompto, acompanhando-o no mesmo escaler os seus gentis-homens, e na proa ia um timbaleiro tocando timbales, e alguns pretos tocando em clarins de prata com as armas reaes pendentes, e ao tempo que se tocavam os clarins se ouvia o estrondo da artilheria, tanto da fragata, como das mais naus que se achavam n'aquelle porto, e das fortalezas, que todas estiveram disparando até o embaixador desembarcar. Logo se seguia outro escaler em que iam os reverendos Antonio de Magalhães, o vice-reitor do collegio da companhia, o ajudante real, o capitão mandante das companhias, e tambem o secretario da embaixada. Em outro escaler se seguiam varios padres da companhia, e em outro todos os officiaes da nossa fragata.»

[1] A relação foi impressa, segundo nos diz o sr. Figanière na sua *Bibl. hist.* Não a podendo obter, servimo-nos de duas copias mss.

Na praia estava postada toda a tropa, que fez a continencia do costume. O embaixador foi acompanhado até sua casa pelo senado e nobreza da cidade, pelos prelados das religiões, e outros muitos religiosos, além do grande concurso de chinas.

Desembarcou-se depois o mimo que ia para o imperador ao som de grandes salvas de artilheria. Na frente iam os trombetas tocando; seguia-se o ajudante real, o capitão, tenente, e alferes com a companhia da guarda do embaixador, o ouvidor geral, logo os caixões ás costas de cafres, e após elles os dois juizes ordinarios, os vereadores do senado, e a tripulação da fragata.

Tratou o senado de avisar o *tui-uen*, ou vice-rei de Cantão, da chegada do padre Antonio de Magalhães, e de um enviado para felicitar o novo imperador da sua exaltação ao throno. Egual noticia deu o padre Magalhães para Cantão ao padre José Pereira, da companhia, que foi visitar o vice-rei para saber se já tivera participação de Macau. Este logo lhe disse que sabia ter chegado um embaixador de Portugal para pagar tributo ao imperador, o que o padre não deixou passar, dizendo que o enviado não fôra a esse fim, mas sómente a cumprimental-o.

Occorreram varios incidentes que demoraram a ida do embaixador a Pekim, sendo o principal a insistencia das auctoridades chins em o considerar como portador de tributo, e não de um mimo ou offerta graciosa; pelo que teve de mandar o seu secretario a Cantão, d'onde voltou a Macau em 11 de setembro sem nada ter definitivamente concluido.

Em summa, depois de muitos recados e de algumas conferencias com os mandarins, compoz-se o negocio, e em 16 de novembro chegaram a Macau barcas e um navio de guerra para conduzir o embaixador, que partiu para Cantão, onde entrou no dia 23 de tarde. Alli foi visitado por um governador do povo; recebeu *tiezu*, ou bilhete de visita de outros mandarins, e recado do vice-rei a perguntar-lhe se precisava de alguma coisa.

Desembarcou a 24 de manhã, conduzindo-se o mimo para uma casa que já estava preparada. «Primeiramente iam alguns soldados chinas descobrindo o caminho, que se achava tomado pela multidão do povo. Depois se seguia um terno de instrumentos sinicos, que são como charamellas; logo se seguiam os caixões do mimo ás costas dos chinas, acompanhando-os soldados pelos lados. Seguiam-se os clarins e timbales do embaixador; depois o seu estribeiro a cavallo; atraz d'elle iam dez lacaios que acompanhavam o embaixador, que ia atraz em uma cadeira carregada por oito timores seus escravos. Em ultimo logar se seguiam o secretario da embaixada a cavallo com um estandarte com as armas del-rei nosso senhor, e todos os gentis-homens do embaixador, tambem a cavallo.»

Tornou o embaixador a embarcar a 9 de dezembro, continuando a 10 a sua viagem pelos rios acima. «Em primeiro logar ia uma barca, e n'ella alguns chinas com charamellas e tamboril em que tocavam, principalmente quando passavamos alguma cidade, villa, ou vigia. São estas vigias como atalaias, em que assistem os soldados para os avisos e para guarda dos que navegam, e se acham de legoa em legoa por todo o caminho. Seguia-se logo uma barca de mandarim, em que ia o embaixador; e n'esta iam tambem as coisas seguintes: uma bandeira grande verde com as armas reaes sustentadas por dois anjos na popa; mais outra bandeira verde mais pequena no mastro grande com as letras *Ki si kue kien chin kin ho*, que vem a dizer: — O reino do remoto occidente manda um grande a dar parabens. — Aos lados da proa iam duas taboas vermelhas, e n'ellas escripto com caracteres chins: *Ki si tagin*, que que-

rem dizer: — O grande homem do remoto occidente; e na mesma prôa iam mais algumas bandeiras pequenas da mesma côr das outras. Depois se seguia outra embarcação em que ia o vice-reitor do collegio de Macau, que tambem ia por interprete, e outro padre que ouvia o embaixador de confissão e lhe dizia missa. Seguiam-se mais outras barcas, uma de mandarim, em que ia o secretario, e outras em que iam os gentis-homens e mais comitiva, que eram sessenta e quatro pessoas, entrando dezeseis chins a quem o embaixador pagava para o serviço e melhor expedição da viagem, que se entendeu seria por terra. Além das ditas barcas ia uma com seis soldados para a guarda do embaixador, e outra em que ia um *pacum*, que é como capitão de infanteria, que acompanhou até á côrte; e faziam todas as barcas o numero de quatorze, além de outras em que iam alguns padres portuguezes e estrangeiros, os quaes por largos dias nos acompanharam.»

«No *kam-ho*, ou passaporte que levava o mandarim conductor, se declarava que o embaixador ia a *kiam-ho*, isto é, a dar parabens; e ás coisas de sua magestade, ao mimo, se dava o nome de *sum*, que quer dizer offerta graciosa; e se declaravam as pessoas que acompanhavam: a vinte e seis d'estas se mandava assistir com o sustento imperial, que era um tostão por dia para cada pessoa, em que entrava o embaixador, dois padres da companhia, o secretario, seis gentis-homens; e para os mais, até vinte e seis, a cincoenta réis por dia, ou, para melhor dizer, de posta em posta, ou de villa em villa, em que muitas vezes se gastam dois e tres dias, segundo correm os ventos. E para a conducção do mimo, que ia em barca separada, com uma bandeira no mastro com as letras *xam-yun*, que dizem — coisas do uso imperial — e mais comitiva da embaixada, no caso que fossemos por terra, se mandava dar 30 cavallos e 214 chinas; ficando por conta do embaixador fazer os mais gastos, para os quaes lhe deram os mandarins de Cantão da fazenda real um conto de réis como viatico...»

Em 22 viram no rio pescar com aves similhantes a corvos, «e era o ensino que lhes tinham dado tal, que andavam soltas sobre as barcas, sem fugirem; mas tanto que os donos lhes tocavam com uma vara, se lançavam ao rio, e apenas sentiam peixe mergulhavam, e muito poucas vezes o faziam sem trazerem peixe, não lhes servindo de impedimento a corrente das aguas, nem o correrem turvas, nem a velocidade do mesmo peixe. Assim que estes passaros tomavam a preza, buscava cada um a barca de seu dono, aonde sem equivocação subiam e largavam o peixe todo, com ajuda do mesmo dono, que para subirem lhes estendia uma vara com uma pequena rede, e para largarem o peixe lhes batia na cabeça...»

Navegando até Nan-hium-fu, ultima cidade da provincia de Cantão, alli desembarcou o embaixador no 1.º de janeiro de 1727, e soube que o imperador mandava dois conductores *(ta-gin)* para o levarem á corte, um dos quaes era o padre Antonio de Magalhães, e outro um tartaro chamado Cham.

Proseguiu por terra com uma comitiva de 761 pessoas; chegou a Nan-ngan-fu, d'onde tornou a embarcar, e passando no dia 9 por Kan-cheu-fu, que tem uma grande ponte e feira permanente, encontrou o proprio que mandára ao imperador com uma carta, em consequencia da qual tinham sido expedidos os dois referidos conductores. Soube-se tambem n'essa occasião que o padre Antonio de Magalhães, que partira adiante, tinha recebido o melhor acolhimento do imperador, pela boa conta que dera da missão do fallecido soberano para o rei de Portugal.

D'aqui saiu o *tagin* tartaro para cuidar da aposentadoria em Nan-chang-fu, onde o embaixador chegou no dia 24 de janeiro. Recebeu comprimentos dos mandarins, e postaram-lhe á porta uma guarda de honra, um terno de musicos, e cavallos sellados para quem quizesse ir passear.

Participaram os *ta-gin* para a corte que tinham encontrado a embaixada, que iam conduzir por agua, segundo as ordens imperiaes; e determinaram, auctorisados pelas mesmas ordens, que os mandarins das cidades por onde o embaixador passasse lhe offerecessem para seu sustento e da comitiva 2 porcos, 2 carneiros, 8 galinhas, 4 patos, 8 ádens, 8 peixes, 200 ovos, 2 picos, cada um de 120 arrateis de arroz, 2 boiões de vinho, 40 cates de velas, cada cate de 20 onças, 4 picos de lenha, e 4 de carvão.

Passando para outras barcas o embaixador e o seu sequito, saíram d'esta cidade no 1.º de fevereiro, e com muitos frios e ventos contrarios chegaram no dia 9 a Hu-chem, na provincia de Che-kiang, onde se fazem os melhores pinceis para a escripta chim; e alli se demoraram alguns dias. A 28 passaram por Ngan-kim, e foram navegando pelo Ta-chian até á cidade de Nankim, junto da qual deram fundo em 15 de março, parando novamente. Viram alguns velhos vestidos de amarello, no que fizeram reparo por ser côr só usada pelo imperador; e souberam que se dava essa prerogativa e outros privilegios áquelles homens por terem mais de 80 annos de edade.

Continuaram a viagem em 30 de março, e a 4 de abril chegaram a um palacio a que chamam San-chacho.

D'alli por diante foram acompanhados por um mandarim encarregado de facilitar a passagem pelos rios que começavam a estreitar, e estavam apinhados de barcas.

Foram a Yan-cheu, e a Kau-yeu-cheu, residencia de Çum-ho, ou mandarim intendente das obras hydraulicas para a conservação dos canaes.

A 11 chegaram a Huay-han, em que havia uma egreja de padres da companhia com muita christandade bem doutrinada; no dia seguinte tiveram de esperar que se abrisse caminho para passarem, porque o rio estava atravessado por 4 barcas, que serviam de ponte, e ao mesmo tempo de posto fiscal de uma alfandega.

«No dia 14 passámos o Hoang-ho, ou rio amarello. É este rio de summa grandeza, e as aguas de côr amarella e turva, se bem que gostosas para se beberem depois de purificadas. D'este mesmo rio se contava que havia pouco tempo tinha estado claro por espaço de tres horas, e similhantes successos d'elle se acham escriptos nos livros da China, mas de seculos a seculos. O mysterio é occulto, e os chinas attribuem a claridade das aguas a uma grande felicidade, e por este respeito tiveram os mandarins augmento, ficando da primeira ordem os que eram da segunda, e assim os demais...»

«No dia 24 tivemos a noticia de que os nossos padres de Pekim tinham já licença de continuarem com uma egreja de S. José, que já tinham principiado, como padroeiro da China; e esta nova nos alegrou muito, pois se suppunha estava o imperador contente, sem o que se não havia de continuar.»

A 15 de maio chegaram a Chan-kia-van, onde encontraram os padres Domingos Pereni e André Pereira, que por ordem do imperador esperavam a embaixada; e d'alli partiu o embaixador e sua comitiva por terra para a corte, que distava 4 legoas.

«No dia 18 logo de manhã se principiaram a dispor as coisas e a fórma da entrada do embaixador na corte, e se poz em obra depois do meio dia na fórma seguinte: Em primeiro logar havia 200 soldados tartaros de cavallo, dos quaes iam alguns diante

desimpedindo o caminho, que tomava a multidão do povo, os mais iam ao lado do embaixador e comitiva, atraz d'esta duas fileiras, e atraz um terno de charamellas sinicas. Seguiam-se seis soldados similhantes aos primeiros em fileiras e atraz d'elles outro terno de instrumentos similhantes. Seguia-se logo o mimo de sua magestade em trinta caixões carregados por chinas, sobre andores pintados de amarello e cobertos com pannos da mesma côr, que é a da casa imperial; seguiam-se os quatro trombeteiros do embaixador com clarins de prata e armas reaes pendentes. Os vestidos eram mais de prata que de panno, e outro similhante levava o timbaleiro, e iam todos a cavallo. Seguiam-se em duas fileiras dez criados a cavallo tão ricamente vestidos que se não divisava senão prata; atraz de cada um ia um preto a pé com uma partazana; depois seguia-se o estribeiro do embaixador montado a cavallo com um vestido rico, e atraz d'elle em duas fileiras seis gentis-homens a cavallo egualmente vestidos. Seguia-se o secretario da embaixada tambem a cavallo, e logo o embaixador em uma cadeira de veludo azul franjada e agaloada de oiro, a quem carregavam oito chinas vestidos de seda azul com cintos encarnados, e nas cabeças *mauzos*, ou barretes tambem encarnados com plumas da mesma côr. Aos lados da cadeira iam mais oito negros com armas de fogo e outros com partazanas vestidos todos de azul, menos vestes e canhões que eram encarnados e tudo agaloado de prata. Seguiam-se logo os dois ajudantes da camara, tambem a cavallo, vestidos de veludo azul, e as vestes encarnadas, agaloado tudo de prata. Um levava o *teezu*, ou assento tartaro, de que o embaixador usava na corte, outro levava um chapeo de sol, que ja tinha levado quando estivemos no Brasil. Atraz d'estes iam dois chinas com dois cavallos brancos á dextra, e eram estado do embaixador: atraz ia uma liteira que se fez em Cantão á moda da China, quando entendiamos seria a jornada por terra; atraz de tudo ia o fato do embaixador sobre doze andores pintados de verde, cobertos com reposteiros de veludo azul, que se tinham mandado fazer: em ultimo logar quinze carretas tiradas por cavallos, em que ia o fato da comitiva.»

Caminharam n'esta ordem até entrar em Pekim, onde acharam casa preparada por ordem do tribunal dos ritos. Foram admittidos á presença do presidente d'este tribunal o conductor tartaro e o padre Domingos Pereni, que o imperador nomeou interprete da embaixada. Depois de alguma hesitação ácerca do ceremonial, e do modo de entregar a carta del-rei de Portugal, foi o embaixador avisado que podia entregal-a por sua propria mão ao imperador, destinando-se o dia 28 de maio para a recepção da embaixada.

(Continúa)

CAZOAR (EMA DA ASIA)

Procurâmos sempre que as gravuras de animaes que escolhemos para o *Archivo*, representem aquelles a que se tem dado propriedades fabulosas, para irmos extirpando os erros antigos que andam enraizados na crença popular.

A ema é dos que estão n'este caso. Julgaram os antigos, e ainda o dizem alguns diccionarios da nossa lingua, que a ema digere o ferro.

Custa pouco a crer que isto é falso. O que deu motivo a esta supposição, foi ver-se que a ema engole tudo que lhe cae debaixo do bico, ferro, cobre, chumbo, vidro, pedras, paus, etc. Mas *engolir* não é *digerir*.

Como a abestruz, sua congenere, a ema é de uma insaciabilidade espantosa; não ha alimento que a farte; por isso enche o estomago de tudo quanto encontra; mas expelle promptamente todos os objectos que não são digestivos.

Dir-se-ha pois, com verdade, que a ema engole ferro e outros metaes, mas não que os digere.

A ema, depois da abestruz, é a ave mais corpulenta que se conhece. Todos temos visto, principalmente nos museus, ovos de ema de tamanho enorme, pois alguns tem 40 a 45 centimetros de circumferencia. Justo é que ao menos pintada conheçamos a monstruosa ave que os põe.

A ema da Asia tem o nome especial de cazoar, que a distingue da ema da America. A parte oriental da Asia, da banda do Meio-dia, parece ser o verdadeiro clima d'esta ave singular, sómente conhecida na Europa depois do anno de 1597. Participa algum tanto da fórma da abestruz, mas com differenças essenciaes. A sua mais notavel feição é uma especie de capacete conico, preto por diante, amarello em todo o resto, que se ergue sobre a fronte d'esta ave, desde a raiz do bico até ao meio do alto da cabeça. Este capacete é formado pelo augmento da grossura dos ossos do craneo, n'este ponto coberto de uma substancia córnea. A cabeça, e a parte superior do pescoço, tem algumas penninhas, ou antes alguns cabellos, pretos, mui ralos; de sorte que a pelle está quasi núa n'estes logares, e tem differentes côres; é azul nos lados, violete debaixo da garganta, e vermelha na parte posterior, principalmente no meio. As azas, muito mais pequenas ainda que as da abestruz, são armadas de cinco até sete esporões, tendo o do meio perto de 33 centimetros de comprido.

Tambem como a abestruz tem o corpo coberto de pennas, com a differença, que as da cazoar são dobradas na maior parte, pois de cada canudo nascem duas hastes, mais ou menos compridas, pretas, chatas, e lustrosas, divididas em nós por baixo, saindo de cada nó uma barba, ou fiosinho. Desde a raiz até ao meio da haste, estas barbas são mais curtas, flexiveis, e, para assim dizer, pennugentas, de côr cinzenta desmaiada; e as que vão do meio da haste até á extremidade são mais compridas, duras, e pretas; e porque estas ultimas cobrem as primeiras, e são so as que se vêem, succede que, a certa distancia, a cazoar parece um animal pelludo, como o urso, ou o javali.

As pennas da rabadilha tem até 40 centimetros de comprido, e caem-lhe pela parte posterior do corpo, formando uma cauda fingida, porque a cazoar não a tem. As côxas são cobertas de pennas quasi até aos joelhos. E menos levantada em pé do que a abestruz, e tem o pescoço ainda mais curto; como porém estes membros são mais grossos á proporção, o animal parece tambem mais massudo á vista. Os pés, que são grossissimos, e muito nervosos, tem tres dedos cada um, todos virados para diante. Dá coices que são perigosissimos, por causa da força com que atira. O seu andar ordinario é extravagante; poderia dizer-se que vae dando coices e pontapés ao mesmo tempo. Apesar d'esta má andadura, dizem que corre mais depressa do que o melhor andarilho.

Os ovos da cazoar são de côr cinzenta, atirando para verdoengo, mais pequenos, porém mais compridos que os da abestruz; a casca não é muito grossa; os maiores terão 40 a 45 centimetros de circumferencia.

Os japões abominam toda a sorte de furto, e com elle o jogo; dizendo, que ninguem joga sem cobiça, e que vae muito pouco de cobiçar a furtar.

P. JOÃO DE LUCENA.

QUE É O GOSTO?

(CARTA DIRIGIDA A UMA DAMA POR ANTONIO VICENTE ARNAULT)

O termo «gosto», no mesmo significado em que o tomam os francezes, já o vemos tão introduzido ha mais de trinta annos [1] em Portugal, que se deve reputar proprio do idioma no sentido de «bom gosto»; de modo que, quer se diga *gosto*, quer *bom gosto*, em artes é o mesmo; nem se duvida da identidade dos significados, que n'este sentido não requerem modificação.

FRANCISCO DIAS GOMES.

Minha senhora: pergunta-me v., que é dotada de tanto discernimento, o que é o gosto. Porque me não pergunta egualmente o que é a graça? Pois que não é bastante, segundo parece, possuir as coisas para julgal-as, vou de boamente responder á pergunta de v., e mostrar-lhe a natureza e o valor de suas proprias riquezas.

O discernimento, entre a maioria das pessoas, é a faculdade com a qual se distingue o bom do mau; o gosto é a faculdade com que os espiritos atilados distinguem não só o excellente do bom, mas o que ha de mais delicado no excellente.

O homem de gosto, em objectos de arte e de litteratura, é para o commum dos homens o que á mesa é o provador para o glotão. Um escolhe as iguarias; o outro lança-se á primeira comida que lhe fica á mão: um saboreia, o outro devora.

Menos sobrio que delicado, o provador embriaga-se ás vezes com os licores exquisitos que encontra, mas o seu delirio, n'aquelle estado, participa da nobreza do nectar que o causou, e não tem nunca similhança com a irracionalidade produzida pelos vapores de um liquido grosseiro. Assim pois, n'aquelle ha o enthusiasmo do homem de gosto.



Cazoar (ema da Asia)

A natureza deu-nos o gosto; o estudo aperfeiçoa-o. O sentimento, que determina as nossas preferencias, e é superior á razão, seria um instincto vago, se não fosse guiado e fortificado pelo habito de comparar os objectos, e estabelecer as relações em que differem ou se assimilham; é preciso ter comparado para gozar razoavelmente o direito de preferir. O estudo accumula, o gosto escolhe o que se deve conservar.

Disse que o gosto era superior á razão, e não estabeleci um paradoxo. Quantos objectos egualmente bons estão longe de ter o mesmo merito aos olhos do gosto? Não ha gosto sem razão; ha, porém, homens razoaveis sem gosto.

[1] O auctor escrevia isto em 1790.

Tambem não ha gosto sem talento; mas quantos homens de talento ha sem gosto, e que tem tido engenho, não para seu proveito, mas para o de outrem? São como os operarios que extrahem das minas o ouro que em mão dos artistas se ha de depurar e amoldar.

Todas as pessoas tem seu gosto; mas o bom gosto raramente se encontra na maioria das pessoas. O gosto, que só pertence a um homem, é muita vez considerado mau; porém acaba, cedo ou tarde, por prevalecer, porque tal é o poder de tudo o razoavel. Boileau teve o mau gosto de reconhecer a sublimidade da *Athalia* [1], desconhecida pelo bom gosto da corte de Luiz XIV. A França inteira é hoje do gosto de Boileau.

A razão inventou os processos da demonstração, o talento os ornatos que podem revestil-os; a razão creou a dialetica, o talento a eloquencia. A razão imaginou os annaes em que a historia recolhe as acções dos grandes homens; o talento as fórmas que elevam o espirito do historiador á altura do seu assumpto; a arte de cadenciar a prosa, e a poesia, cujo melhor privilegio é immortalisar os heroes; mas tudo isso não basta sem a intervenção do gosto, que, entre tantas fórmas e tons diversos, só reconhece o que se deve preferir. A razão é o operario que trabalha na construcção de um edificio; o talento é o artista que o decora. O gosto é o architecto, o juiz supremo da conveniencia dos accessorios, que aformoseia com o seu talento as obras da razão.

O talento, a razão e o gosto, exercem a sua influencia respectiva em todas as artes; encontral-a-ha v. na execução de um quadro ou estatua, na construcção de um templo ou palacio, na composição de uma obra de litteratura ou de poesia.

O pintor, cujo lapis for só guiado pela razão, limitar-se-ha á imitação servil da natureza estudada no aspecto mais facil. O pintor, em quem dominar o talento, ávido de difficuldades, julgará que não pode nunca animar a sua téla; attitudes extravagantes e exagerada expressão, será muita vez o resultado do seu pincel, em quanto as producções do homem de gosto, correctas sem impeto, simples sem esterilidade, animadas sem exageração, e engenhosas sem extravagancia, offerecer-nos-hão o primor que não se alcança sem talento e razão; mas estas duas faculdades, separadas ou reunidas, não tem direito de alcançar a superior perfeição, porque o genio sem gosto nada consegue.

Foi o talento que deu os diversos ornamentos e as variadas fórmas ás columnas que sustentam os nossos edificios; porque eram arvores decotadas, ou pilares formados de pedras collocadas, sem escolha, umas sobre outras. A razão só pensára na solidez; o talento occupou-se do aformoseamento, e pediu ao acantho a graça e flexibidade dos ornamentos que enriquecem o capitel corinthio, e á fronte do aries as volutas elegantes que caracterisam a ordem jonica. Veiu depois o gosto que escolheu entre as diversas invenções do talento, e a cada ordem desisignou um emprego especial; reservou a corinthia para os templos e palacios; a dorica e jonica para os edificios que exigissem menos magnificencia; a toscana e compósita para as construcções que requeressem seriedade e solidez.

O gosto exerce a critica sobre as obras de talento, e não sobre as da razão. Esta asserção, que parece ousada, será justa quando se pensar que a razão é a faculdade com que a intelligencia colloca as coisas na ordem mais util ao seu fim. Quando as coisas se não encontram n'aquella ordem, claro é que a razão não presidiu ao seu arranjo; cumpre-lhe, então, pôr as coisas em seu logar; rectificar os erros; exercer sobre as obras da loucura, ou da ignorancia, a censura que o gosto exerce sobre as obras do talento; e então toma o nome de ***bom senso***, qualidade que não será mais commum que o ***bom gosto***.

Os defeitos que o ***bom senso*** rectifica, provam a ausencia da razão. Os que o ***bom gosto*** corrige, não provam a ausencia, mas a essencia do talento.

As concepções do Dante, de Miguel Angelo e de Homero, não estão isentas das censuras que se dirigem aos erros do talento, e não á falta d'elle; e a palavra talento, n'este caso, é synonymo de genio.

O gosto, em litteratura, tanto consiste na escolha das palavras como na selecção das idéas, procurando o que ha melhor para dizer, e o melhor modo de dizer.

Como não ha ***bom gosto*** sem ***bom senso***, o homem de gosto rejeita as idéas falsas e os ornamentos improprios.

O gosto tanto reprova a affectação como a negligencia. O que lhe agrada, principalmente, é a naturalidade, que é para as obras de talento o mesmo que é a graça para a belleza.

As obras sem gosto não desagradam menos que as obras de mau gosto; e talvez que bem examinado, a semsaboria de Padron seja mais repugnante que a extravagancia de Bergerac. O gosto é ás vezes mais sensivel na uniformidade da perfeição, até no genero moderado, do que os lampejos de um genio desegual, que embora frequentes, são divididos por intervallos de luz menos intensa, ou pela obscuridade. Isto explica a preferencia dada por bons talentos a Racine sobre Corneille, que é quasi sempre menos elevado que seu rival, mesmo quando este não é mais primoroso.

É mister não confundir o homem de gosto com o homem desgostoso, como succede muita vez. Entre um e outro ha a differença de um homem delicado e um homem privado de sensibilidade. O desdem, que é qualidade n'um, é vicio n'outro. O homem que não encontra gosto em coisa alguma, só deve encontral-o em si. Não é, pois, de admirar que haja coisas sem sabor para orgãos destituidos de irritabilidade, ou para um paladar que se recusa a quaesquer sensações. A opinião d'esta especie de juizes não póde seguir-se. São surdos que negam o poder da musica; cegos que contestam os prodigios da pintura. Champfort dizia, tão engenhosa como galantemente, fallando do fallecido Suard, que era d'esta tempera: *O gosto d'este homem é desgosto.*

O gosto tanto existe para as artes mechanicas como para as artes liberaes. Em todas as profissões ha sempre uma fórma mais agradavel para dar ás coisas, e é o gosto que a encontra. Elle preside á disposição de um remendo como á composição de um poema; ao corte de uma casaca como ao plano de uma tragedia.

Mas não se deixe v. illudir por vocabulos; ainda que Delille *poeta*, e Leroy *modista*, sejam ambos pessoas de gosto, a admiração de v. de certo não os collocará na mesma linha.

Versão de BRITO ARANHA.

Assim como o destro alfaiate, antes que córte o panno, e ouse metter-lhe a tesoura, o mede aos covados, e ainda aos palmos, e assigna com o giz; assim primeiro que tomemos o amigo o havemos de provar por diversas maneiras, e experimentar.

FR. LUIZ DE SOUSA.

[1] Tragedia de Racine em cinco actos. Em 1691 appareceu, pela primeira vez, em Versalhes, onde teve duas representações apenas. Mais tarde, em 1716, subiu á scena no theatro Francez, no qual teve successivas récitas com applauso.

Existem em portuguez duas edições da famosa tragedia, por conta do editor Rolland. A versão é de Candido Lusitano. Não nos consta, porém, que fosse representada em theatro algum d'este reino.

ESTATUA DE FRANKLIN

> A proposito do papagaio electrico, esprae-se o professor sobre a vida e obras do seu inventor, o immortal Franklin. Proponha-o como modelo de sabio e homem de bem, e como demonstração pratica d'este axioma, que nunca haverá sido sobejamente prégado: *Todo o homem póde ser grande, querendo.*
> A verdadeira nobreza dá-a o trabalho, e não a fortuna.
>
> A. F. DE CASTILHO, *Noções rudimentaes para uso das escholas.*

Certo que não ha biographia mais para ser lida, relida e decorada em escholas populares, que a d'este grande homem, desde a sua modesta profissão de typographo, até á supremacia de libertador e legislador dos Estados-Unidos da America, a que subiu pelo caminho recto da virtude e da sabedoria.

Em resumo a daremos aqui, para acompanhar a gravura da estatua que os seus concidadãos lhe erigiram na praça municipal de Boston, patria de Franklin, a 7 de dezembro de 1856, cento e cincoenta annos depois do seu nascimento.

A estatua é de bronze, e tem 2^{m},64 de altura. O busto feito por Houdon, que se conserva no museu de Boston, é que serviu para modular a cabeça.

Franklin está representado com o trajo de que usava em França, quando veiu por embaixador da republica á corte de Luiz XIV, e apoia-se ao bastão que lhe legou o general Washington.

O pedestal, de marmore verde antigo, assente n'uma base de granito, tem quatro faces, e em cada uma seu baixo-relevo, os quaes representam:

Franklin typographo.

Franklin assignando o auto da independencia dos Estados-Unidos.

Franklin subtrahindo a electricidade de uma nuvem.

Franklin referendando o tratado de paz com a Inglaterra.

Agora diremos quanto baste para suscitar a leitura da vida d'este laborioso artista, profundo sabio, virtuoso philosopho, e celebre legislador.

Benjamim Franklin nasceu em Boston, cidade dos Estados-Unidos da America, a 9 de janeiro de 1706, Seu pae, Josias Franklin, era tintureiro em Londres; mas porque seguia a religião presbyteriana, que n'aquelle tempo não era tolerada em Inglaterra, teve de se retirar para as colonias anglo-americanas, onde todas as seitas gozavam de completa liberdade. Estabeleceu-se em Boston, onde poz uma fabrica de sabão e velas de sebo.

Ahi lhe nasceu Benjamim, que de tenros annos aprendeu a ler com tanta facilidade, e manifestava tal aptidão para o estudo, que seu pae o destinou ao estado ecclesiastico. Entrou para um collegio aos oito annos de edade, e havia já feito progressos incriveis, quando Josias, que tinha quinze filhos, e poucos meios, o mandou vir para casa, a fim d'elle o ajudar nos trabalhos da fabrica, incumbindo-o de cortar os pavios, encher as fórmas das velas, e outros trabalhos similhantes.

Desgostoso de tal mister, como é bem de suppor, Benjamim pediu ao pae que o deixasse sentar praça na marinha. Não consentiu o velho; ordenando-lhe imperiosamente, que se não queria ser sebeiro, havia de aprender o officio de cuteleiro. Obedeceu o filho, e entrou como aprendiz para uma cutelaria. Vendo o pae que tambem este officio lhe não agradava, consentiu que elle fosse praticar para a typographia que tinha um dos irmãos de Benjamim.

Esta arte aprendeu Franklin com muito gosto, e em breve. Como trabalhava todo o dia, passava grande parte da noite a ler os livros que podia alcançar. Começou a fazer alguns versos; viu que tinha engenho poetico, e resolveu-se a imprimir seis balladas que havia composto. Mostrou-as a seu irmão, o qual na esperança de tirar algum lucro d'est'outra composição do seu aprendiz, as estampou, com a condição de as ir elle mesmo, o poeta, vender pela cidade. A extracção foi momentanea; e o proprio Franklin, contando isto, acrescenta: «Este inesperado exito dos meus primeiros versos encheu-me de vaidade; não cabia em mim de contente; pelo contrario, meu pae, quando soube de tal, ficou muito triste, dizendo que todos os poetas morriam pobres; e para me dissuadir, ridiculisou as minhas pobres balladas. Ainda bem! pois com isto evitou que eu fosse provavelmente um mau versificador.»

Franklin tinha já quinze annos quando por acaso lhe veiu ás mãos um volume do *Espectador*, celebre jornal de Addison. Encantado com o estilo d'este auctor, resolveu tomal-o por modelo. Começou a escrever sobre diversos assumptos, e a apurar-se no estilo, conferindo-o com o do mestre que tinha tomado para typo. Á força de perseverança e de esmero, conseguiu escrever alguns artigos similhantes aos do *Espectador*. Seu irmão imprimia n'esse tempo uma gazeta intitulada: *O correio da Nova Inglaterra*. Franklin disfarçou a letra, e mandou os seus artigos para esta gazeta. Foram publicados, e obtiveram os suffragios de muitos homens de letras que todos os dias se juntavam n'aquella typographia.

Ouçamos o que o proprio Franklin deixou escripto a respeito d'esta sua primeira tentativa jornalistica:

«Prestava eu sempre muita attenção ás discussões dos litteratos que iam á nossa imprensa; e sobre tudo quando fallavam do modo favoravel por que o publico recebia os seus escriptos. Entrei em desejos de tentar a mesma fortuna, mas como eu era uma criança, receava que meu irmão não quizesse publicar, na sua gazeta, artigos cujo auctor não fosse conhecido. Que fiz eu, escrevi um artigo anonymo, disfarçando bem a letra, e á noite metti-o debaixo da porta da imprensa. Pela manhã appareceu alli como engeitado aquelle original, que meu irmão guardou para mostrar aos redactores quando viessem, na fórma do costume. Estava eu trabalhando á caixa quando o meu artigo foi lido e commentado por todos elles. Tive o ineffavel prazer de ouvir que o approvavam; e que nas diversas conjecturas que fizeram sobre quem fosse o auctor, não nomeavam nenhum que não gozasse de grande reputação no paiz. Reconheço, acrescenta Franklin modestamente, que tive juizes muito benevolos, e que não eram tão infalliveis como então suppuz.»

Este e outros artigos foram publicados n'aquella gazeta sem que Franklin se désse a conhecer.

Passado pouco tempo, o genio imperioso do irmão obrigou Benjamim a separar-se d'elle, indo procurar trabalho a Nova-York. Não o achando alli, foi para Philadelphia, chegando a esta cidade, onde havia de ser legislador, com dez chelins na algibeira. Quem dissera, que cincoenta annos depois, sairia elle d'aquella capital encarregado de discutir na Europa os interesses de toda a republica!

Durante a sua residencia em Philadelphia, Franklin tomou amizade com o governador, o qual o resolveu a regressar a Boston, com uma carta para o pae, em que lhe dava as melhores informações do comportamento de seu filho, e se empenhava para que lhe proporcionasse meios d'elle estabelecer uma typographia.

Franklin voltou com effeito a Boston; porém seu pae achou-o ainda muito moço para lhe confiar similhante estabelecimento.

Com este desengano tornou para Philadelphia, onde o governador o protegeu e empregou. Todavia

Franklin não desistiu do projecto de estabelecer uma typographia por sua conta. Para lhe satisfazer este desejo, o governador promettêra-lhe cartas de recommendação e de credito para Londres, a fim de comprar os pertences necessarios para uma officina typographica; mas chegando a Londres, nenhuma das cartas do governador surtiu effeito, e elle viu-se obrigado a ir trabalhar como simples compositor.

Em quanto esteve em Londres, trabalhou successivamente em muitas imprensas, e por ultimo na de Palmer, onde se imprimia então o *Bosquejo da religião natural de Vollaston*. O joven typographo, desconhecendo os principios d'esta obra, tentou combater alguns d'elles, publicando um opusculo intitulado: *Breve dissertação sobre a liberdade e a necessidade*.

Revelando n'este escripto muita philosophia, penetração, linguagem frisante, em fim, a sabedoria que depois manifestou, foi logo admittido na sociedade dos homens celebres que procuraram conhecel-o, os quaes julgaram que elle podia tirar mais vantagens do seu talento na America do que na Europa. Franklin seguiu este conselho; e a 23 de julho de 1726 embarcou para Philadelphia com um americano chamado Denhan, que lhe tinha tomado uma affeição verdadeiramente fraternal. Denhan ia estabelecer n'aquella cidade um deposito de mercadorias, e escolheu Franklin para dirigir a sua casa. Este acceitou o logar, e em breve se fez um habil negociante. Parecia que a fortuna lhe começava a sorrir, mas durou pouco esta aragem de bonança para a sua tempestuosa vida. No anno seguinte, em que elle fazia apenas vinte e dois de edade, caiu doente, esteve ás portas da morte; e quando principiava a convalescer, novo golpe o veiu ferir. Denhan, o seu unico protector, falleceu de subito; um parente d'elle veiu logo tomar conta da casa, e despediu Franklin, que de novo se achou desamparado.

Tornou-se á sua arte de compositor. Foi para uma das imprensas mais occupadas da Philadelphia, e dentro em pouco grangeou a affeição e confiança do proprietario. A typographia estava falta de typo, e na America não havia quem o soubesse fundir. Franklin lembrou-se de fazer matrizes de argila, com os typos que tinha, enchendo-as de chumbo derretido. O ensaio deu bom resultado, e d'este modo proveu a typographia da letra que lhe faltava.



Estatua de Franklin

Mas, ou por inveja, ou por ingratidão, este importante serviço foi-lhe retribuido pelo dono da imprensa com um duro e sêcco — está despedido.

Outra vez desempregado, Franklin associou-se com um americano da sua idade para estabelecerem uma typographia. Ajudado por alguns amigos, mandou vir de Londres prelos, typo, e todos os pertences para a nova officina. Começou a trabalhar com infatigavel assiduidade, e com tal perfeição e pontualidade, que em pouco tempo se acreditou, sendo a sua imprensa a de maior reputação, e por isso a mais procurada.

Particularisámos tanto os primeiros passos da trabalhosa vida d'este grande homem, para que a mocidade aprenda, n'este exemplo, a não desanimar com as difficuldades e infortunios; e veja que o trabalho e a perseverança tudo conseguem.

Tinha Franklin notado quando estivera em Inglaterra, as vantagens que o povo tirava dos jornaes, das associações, chamadas clubs, e das subscripções voluntarias; por isso tratou de introduzir na sua patria estes elementos de civilisação. Começou publicando uma gazeta, que enchia, quando lhe faltavam noticias estrangeiras, com artigos de litteratura e de moral, quasi sempre em fórma de apologo, por onde a razão fosse dirigida agradavel e festivamente, e a philosophia, sem exceder o alcance das intelligencias vulgares, se insinuasse no povo. Era o *Espectador* com mais simplicidade, com um fim mais pratico, e sobre tudo mais util. Addisson havia intentado corrigir os vicios de uma nação corrompida pelas riquezas. Franklin emprehendia instruir um povo ainda na infancia, e inspirar-lhe o amor da virtude. E de feito o conseguiu como por encanto.

A cultura das letras estava completamente abandonada na Pensilvania; e a maior parte dos seus habitantes, absorvidos no commercio, não tinham tempo de se occupar de litteratura; o pequeno numero dos que eram inclinados ao estudo, não o podiam frequentar, porque os livros eram poucos e raros. Franklin propoz que se creasse uma bibliotheca publica por meio de subscripção, que foi immediatamente preenchida; e estes mesmos subscriptores formaram depois, em 1732, uma sociedade que tomou a denominação de «Companhia da bibliotheca de Philadelphia».

(Continúa)

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.